

FATORES PSICOSSOCIAIS

Cel Art (QEMA) JOSÉ JOEL MARCOS

SUMÁRIO

FATORES ÉTNICOS

Principais grupos étnicos sul-americanos, em particular brasileiros. Fatores e elementos que influíram na sua formação e localização. Principais características.

FATORES DEMOGRÁFICOS

Aspectos gerais da distribuição demográfica na América do Sul, em particular no Brasil. Fatores determinantes e principais reflexos nos demais fatores geográficos, principalmente nos fatores econômicos.

A — FATORES ÉTNICOS

1 — Aparecimento do homem americano

1.1 — Bases para as hipóteses:

- Geológicas
- Arqueológicas
- Etnológicas
- Culturais

a) Geológicas

No fim da 4^a idade glacial, no último quartel do período Plistoceno, os mares estavam 100 m abaixo do nível atual, tendo deixado enormes áreas desérticas, que se tornaram férteis, devido às grandes chuvas que então caíram. Surgiram pastagens nestas e noutras áreas libertas do gelo, ajudadas pela amenidade do clima. (Ver Anexo)

Grandes rebanhos migraram ao acaso, seguidos pelos homens caçadores primitivos e assim puderam ser transportados:

- O Mediterrâneo;
- As Aleutas; e
- O estreito de Behring.

Outras passagens foram facilitadas, embora talvez exigindo transporte marítimo:

- Da Austrália para a Antártida e desta para a América do Sul;
- Da Malásia para as Filipinas e daí para a América do Sul através da Melanésia, ilhas Páscoa etc.

b) *Arqueológicas*

Vestígios de homens primitivos pré-históricos, existentes em toda a América:

- Mounds: montículos de forma arredondada, contendo ossadas humanas, machados e outros utensílios de pedra, encontrados em toda a América do Norte, desde o Alasca até o Sul dos Estados Unidos.
- Cliff Dwellings: Ossadas humanas, restos de cerâmicas, instrumentos de pedra encontrados em cavernas escavadas nas escarpas, às vezes em grande altura, no SW dos Estados Unidos.
- Paraderos: montículos semelhantes aos Mounds, encontrados na Patagônia.
- Esteárias: Estacas enterradas, que provavelmente são restos de habitações palafitas, encontradas nos rios do Maranhão.
- Pueblos: Habitações superpostas, de adôbes, sem escadas, encontradas no SW dos Estados Unidos, algumas em excelente conservação.
- Sambaquis: enormes depósitos de conchas, alguns de 20 m de altura, contendo restos humanos, cinzas, instrumentos de pedra e cerâmica, armas e utensílios de pedra, encontrados em toda a costa do Brasil, na África e na Suécia.
- Esqueletos antigos; provavelmente datando de mais de 10 mil anos, encontrados na Califórnia, na Flórida, nas grutas de Lagoa Santa, na Patagônia e em Buenos Aires.
- Armas, utensílios e túmulos encontrados em toda parte, apresentando semelhanças pronunciadas com os da Melanésia e da Ásia.

c) *Etnológicas*

Medidas de ossos humanos pré-históricos e recentes da América, semelhantes às dos achados na Ásia, na Austrália e na África. As medidas do homem de Lagoa Santa coincidem com as dos Botocudos e com as de povos melanésios.

d) *Culturais*

Raízes lingüísticas, tradições e mitos religiosos. Inscrições rupestres e desenhos cujas formas, constituições e cores coincidem com

as de povos do Oriente Médio e da Ásia. Formas e técnicas das cerâmicas, armas e utensílios. Sinais hieroglíficos, calendários e astronomia.

Arquitetura monumental, suas formas e técnicas.

Tudo apresentando pronunciadas e impressionantes coincidências com vestígios encontrados noutros continentes.

1.2 — Hipóteses antigas:

Afirmavam que o homem americano era proveniente da Europa, do norte da África e do Oriente Médio (hebreus, fenícios, babilônios, egípcios, etc.) vindos talvez através da Atlântida.

1.3 — Hipóteses modernas:

a) Homem autóctone da América — Florentino Ameghino:

O homem surgiu na Patagônia e daí se espalhou pelo resto do mundo, em 4 grandes migrações.

b) Homem americano originário da Ásia — Humboldt:

Correntes migratórias do fim da 4^a idade glacial atingiram a América, vindas da Ásia através das Aleutas, do estreito de Behring e das ilhas do Pacífico.

c) Homem de origem múltipla — Paul Rivet:

O homem americano veio *também* da Austrália, através da Antártida, sendo aceitáveis outras origens, concomitantemente.

2 — Classificação dos povos americanos:

Há diversas. Eis a de Krickeberg.

Povos de cultura inferior — nômades e caçadores, pescadores e coletores de frutos, raízes e bagas silvestres:

- Índios do Brasil;
- Esquimós;
- Índios da América do Norte;
- Índios das Antilhas;
- Índios da América do Sul meridional.

Povos de cultura média — Agricultores, arquitetura rudimentar, sedentários:

- Chibchas;
- Pueblos;
- Diaguitas.

Povos de cultura superior — Arquitetura monumental, governo centralizado, escrita, calendário:

- Nauas;
- Maias;
- Incásicos.

3 — *Principais povos da América:*

3.1 — Na América do Norte:

- Povos dos Mounds;
- Povos dos Cliff Dwellings;
- Pueblos;
- Algonquinos;
- Iroqueses;
- Esquimós.

3.2 — Na América Central:

Povos de cultura superior, que possivelmente influenciaram as culturas sul-americanas.

Construíram pirâmides truncadas gigantescas, para abrigarem templos; adotavam sacrifícios humanos e antropofagia ritual.

Tinham organização social em estratificações rígidas, escritas hieográficas com representações humanas (Maias) ou de animais (Nauas).

Trabalhavam ouro e cobre, produziam tecidos e indústria de plumas.

Matemáticos e astrônomos:

a) Maias — Habitaram o Yucatan, Honduras e Guatemala. vindos provavelmente do Norte.

Ao surgirem já possuíam sua civilização no apogeu. Abandonavam cidades sem razão conhecida até hoje. Chegaram no século VI A.C. e foram decaíndo até a chegada dos espanhóis.

b) Nauas — Habitavam o México. Vindos do Norte e em sucessivas migrações, desde o século V A.C. Os principais povos que se estabeleceram sucessivamente, assimilando a cultura dos anteriores, vencidos, foram:

- Toltecas: cidades planejadas, pinturas de pronunciada semelhança com a dos egípcios; construtores de pirâmides, ruas pavimentadas.
- Huaxtecas
- Chichimecas
- Zapotecas
- Astecas, que estavam em expansão à chegada dos espanhóis.

A parte meridional da América Central foi habitada por Quimbaias, povos de cultura inferior.

3.3 — Nas Antilhas

Povos pré-históricos de cultura inferior. Receberam posteriormente os Caribes, vindos do continente.

3.4 — Na América do Sul

Povos numerosos de origem desconhecida:

- Maia ou Naua, segundo Max Uhle.
- Preto Chibcha (amazônica), segundo Walter Lehman.

Falavam 169 línguas, das quais, sómente 3 chegaram a ser de uso geral:

- Quichua
- Nauatl
- Tupi-guarani.

Geográficamente se localizavam:

3.4.1 — Nos Andes:

a) Chibchas

Habitavam a Venezuela ocidental, a Colômbia e o Norte do Equador, onde estavam em contato recente com os Incásicos.

Chegaram a ser 1.000.000, divididos em tribos, das quais a mais poderosa era governada pelo "zipa" de Bacatá (atual Bogotá), que tendia a se tornar o centralizador dos chibchas, à chegada dos conquistadores espanhóis.

Arquitetura pouco desenvolvida; não tinham escrita, mas eram bons artistas, trabalhando tecidos, ouro, cobre, cerâmicas. Praticavam embalsamamento dos chefes. Estradas balizadas por pedras e dotadas de pontes pênsveis.

Bochica, o Deus civilizador, tinha barbas brancas, viera dos Llanos, tinha uma cruz tatuada na cabeça e regressara ao céu.

Faziam sacrifícios humanos com arrancamento de corações, como os Nauas e Maias.

b) Povos da cultura de Quito

Localizados no Equador. Prosperaram até o Século X D.C. quando foram dominados pelos Cara Sciri. Deixaram construções ciclópicas.

c) Cara Sciri

Origem oceânica, tendo chegado (em balsas) no século VII D.C., ao litoral peruano. Conquistaram Quito no século X D.C. e foram dominados pelos incásicos no ano de 1487.

Tinham governo feudal e eram guerreiros.

Bons artistas em tecidos e couros. Arquitetos primitivos. Não tinham escrita, mas sabiam calcular por meio de placas com furos de vários tamanhos onde punham grãos, representando as diversas unidades.

d) Povos da cultura de Tihuanaco. Deixaram vestígios nas proximidades do Lago Titicaca. Foram provavelmente os antepassados dos incásicos.

e) Quichuas

Povos cujo centro de irradiação foi Cuzco, no Peru. A língua perdurou e foi laço de união no império dos Incas. Tinham construções grandiosas.

f) Incásicos (cultura de tihuantinsuo)

Origem discutida: de Cuzco (Quichua), de Tihuanaco, maiode, ou Aimará.

Língua quichua (Runa Simi) e escrita por meio de quipus, ainda não traduzidos.

Habitavam os Andes e o litoral do Pacífico, desde o Equador, Peru, Bolívia, atingindo o Norte do Chile, influenciando o noroeste argentino e dominando todos os povos que ocupavam anteriormente esses territórios.

Chegaram a ser 12.000.000 de sêres cuja subsistência teria que ser tirada das terras pobres do império. Para isso mantinham disciplina rígida sobre as culturas, um censo rigoroso que nada poupava e uma organização social coletivista mantida por disciplina implacável e castigos que iam até à destruição de cidades e transferência de populações inteiras.

Apenas os filhos dos nobres recebiam instrução e faziam estágio obrigatório na corte do Inca, cujos filhos eram esmeradamente educados.

O governo era planejado e a administração não tinha solução de continuidade.

O império não podia ser dividido e era administrado por um funcionalismo que chegava a 10% da população. Esta era dividida em grupos de 10 famílias, constituindo uma unidade; 5 destas constituíam unidade superior; 10 destas faziam outra organização que por sua

vez se grupava em 5 organizações de hierarquia superior e assim por diante, até chegar a uma unidade cujo chefe era um dos 4 curacas, que podiam chegar até ao Inca.

Cada camada social possuía rigorosas e minuciosas atribuições.

Os casamentos eram obrigatórios e a nova família recebia terra e animais domésticos do Estado.

O trabalho era obrigatório dos 25 aos 50 anos, quando o homem passava a executar serviços auxiliares.

Tôdas as terras eram cultivadas pelos homens válidos e estavam divididas em: Terras do Sol (clero), do Inca, dos Curacas (nobres), dos aptos e, finalmente, dos incapazes, de acordo com os destinos das suas produções que eram legumes, milho, feijão, tomates, aipim, etc.

Havia armazéns públicos, estalagens onde sómente pagavam os mercadores; correios, comunicações e espionagem sobre todos os cidadãos.

Grandes festas assinalavam o início do trabalho nos campos, anualmente, com o próprio Inca à testa, abrindo as covas para as sementes.

Os povos vencidos eram imediatamente recenseados e incorporados à comunidade, submetidos aos trabalhos e obrigados à língua e à religião oficiais.

Construíram estradas pavimentadas através dos Andes e pelo litoral, sendo duas longitudinais com numerosas rocadas que permitiam as rigorosas inspeções trienais, a circulação das riquezas e o controle militar e econômico do império.

Trabalhavam o ouro, o cobre, as plumas, os tecidos de lã, cerâmicas, armas e adornos, além de serem grandes arquitetos, com obras monumentais, até hoje admiradas.

Eram astrônomos e matemáticos, adotando o sistema decimal.

Tinham calendário solar de 12 m x 30 d mais 5 dias suplementares, mas para uso do povo adotavam o calendário lunar. Também na religião o povo adorava o sol, as estrelas, o trovão, a lua, etc., enquanto os nobres iam além, com um deus invisível.

3.4.2 — No litoral do Pacífico

a) — Chimus — Mazcas

Viveram no litoral setentrional do Peru e falavam a língua machica.

Construíram grandes obras arquitetônicas, inclusive uma grande muralha, com mais de 60 km de extensão, nos contrafortes dos Andes, entremeadas de poderosas fortalezas.

Produziram belas esculturas e cerâmicas, adornos e utensílios de cobre e ouro.

Tinham agricultura irrigada artificialmente.

b) Chinchas

Ocupavam os vales peruanos centrais da costa do Pacífico, separados por espaços desérticos. Constituíam uma confederação.

c) Mitimae

Povos pescadores do litoral meridional do Peru.

d) Cochalqui

Constituíam um arquipélago étnico cujo foco de irradiação foi Antofagasta, no Chile, abrangendo o norte do Chile e o Chaco.

Subdivididos em numerosas tribos, cujas principais foram:

Atacamas	Diaguitas
Comechigones	Omágua

Trabalhavam ouro e cobre, tinham boa cerâmica e tecelagem e construíam em pedra.

e) Araucanos

Povos belicosos que habitavam o Chile central e a Argentina (Mendoza), constituindo unidade étnica perfeitamente definida. Usavam boleadeiras de pedra, lanças e arcos. Agricultura rudimentar. Vestimentas de lã de vicunha e guanaco. Discursadores inveterados.

3.4.3 — No litoral do Atlântico

a) Caribes

A época do descobrimento já viviam muito dispersos nas Antilhas e no Norte do Continente sul-americano, ligados mais por laços lingüísticos que etnológicos.

Tiveram como foco provável de irradiação as cabeceiras do Tapajós-Xingu e se expandiram até o Piauí, Pernambuco e Peru. Atualmente o grupo mais denso ocupa as Guianas, a Venezuela e a margem Norte do Amazonas. Tribos principais:

Apiacás (Tocantins)	Maopitans
Araras	Nauques
Bacaeris (Cuiabá)	Palmelas
Crixanás	Pauxis
Cumanagotos	Pianagotos
Hianacotos	Uachimiris
Lauperis	Surinam
Macuxis (Pará)	Uainumas
Maniquitari	Vanas
	Voiavais

b) Povo da cultura de Marajó

Origem provável Aruaque. Habitava a Ilha de Marajó, onde foram encontradas peças de cerâmica com desenhos geométricos e figuras estilizadas.

c) Povos da cultura dos sambaquis

Povos pré-históricos de cultura mesolítica, que deixaram montões de conchas em todo o litoral e nos grandes rios do Brasil, idênticas às concheiras encontradas na Suécia e na África.

Sob as conchas há esqueletos de homens e animais, pontas de lanças de pederneira e osso, machados, utensílios diversos e cinzas,

Os Sambaquis têm idades muito distanciadas entre si.

d) Povos da cultura das Esteárias

Povo desaparecido, que habitava casas sobre estacas, encontradas nos rios do Maranhão.

e) Tupis-guaranis

Povos de cultura primitiva (mesolítica), que habitava a Guiana Francesa, o litoral do Brasil, os vales do Paraguai e do Paraná, a Bolívia subandina e o Peru amazônico.

Origem desconhecida. Foco de irradiação provável: os vales do Paraná-Paraguai.

Cultivavam rudimentarmente milho, aipim e feijão, à base de queimadas e cavouco, por meio de estaca pontiaguda de madeira.

Alimentavam-se, também, de caça, peixes e frutas silvestres. Não conheciam: metais, escrita, nem animais domésticos.

Andavam despidos. Habitavam malocas de 4 a 7 barracões de palha protegidas por uma cerca de troncos. Abrigavam de 500 a 600 pessoas.

A unidade social era a família monogâmica, cabendo à mulher os trabalhos pesados e a agricultura.

Tabas com 50 a 100 famílias tinham vida, governo e economia independentes, sob a chefia de caciques hereditários.

Formavam confederações em caso de guerras ou perigos comuns.

Fumavam tabaco, usavam tangas ou andavam despidos, faziam tecidos rudimentares, adornos, armas com ponta de osso ou de madeira.

Algumas tribos praticavam o "chôco", a antropofagia ritual e o pranto nas saudações.

A religião constava do culto ao sol, relâmpago, lua, estrélas, amor e divindade secundárias como caapora, boitatá, saci-pererê, mboia, uiara, uiapuru, etc. Acreditavam num ser civilizador de barbas brancas e vindo do mar, o Sumé.

Praticavam o culto dos mortos e em certos casos construíam câmaras funerárias.

Eram nômades a pretexto da busca das terras onde não se morre, de guerras, ameaças inimigas, etc.

Principais tribos:

Amanajás (Amazonas)
 Arés (Paraíba)
 Auetos
 Caetés (Pernambuco-Alagoas)
 Cainguás (Mato Grosso)
 Camaiurás
 Carijós (Santa Catarina-Paraná)
 Goianazes (Rio de Janeiro-São Paulo)
 Guaiaqueis
 Guajajaras
 Guaranás (Amazonas)
 Guarajus
 Jurunas
 Manducurus (Amazonas)
 Maués (Amazonas)
 Omágua
 Potiguara (Rio Grande do Norte e Paraíba)
 Tabajaras (São Francisco)
 Tamoios (Rio de Janeiro)
 Tapes (Rio Grande do Sul)
 Tapirapés (Amazonas)
 Tembés (Maranhão)
 Temiminós (São Paulo)
 Tupinaens (Sergipe)
 Tupinambás (Bahia)
 Tupinambaranas (Tapajós-Xingu)
 Tupiniquins
 Urubus (Maranhão)

f) Pampas

Povos de cultura primitiva que habitavam a planície argentina até o Rio Negro, onde se associavam aos Patagões para incursões guerreiras. Construíam cabanas cônicas ou toldos quadrados de couro. Após o descobrimento, rapidamente se adaptaram ao uso do cavalo.

g) Patagões

Nômades de cultura primitiva que habitavam a Patagônia e se alimentavam de peixes, caças e frutos silvestres.

h) Huarpês, Onas, Iagás e Alacaluis

Pouco numerosos e atrasados, habitando a Terra do Fogo e a extremidade meridional da Patagônia. Alimentavam-se de peixes, aves marinhas, frutas e raízes silvestres. Algumas tribos eram pigmóides.

3.4.4 — No interior do Continente

a) Preto-chibchas

Povos amazônicos pré-históricos, que se deslocaram para os Andes, originando os Chibchas, Aruaques, etc.

b) Panos

Tribos de cultura primitiva, habitando o Acre e o Rio Madeira. Algumas destas são: Caripunas, Iamiacás e Tanarés.

c) Gês ou Tapuias

Povos muito atrasados que provavelmente se irradiaram do Xingu, antes da chegada dos Aruaques e dos tupis-guaranis, indo estabelecer-se no Planalto Central brasileiro.

Polígamos, que praticavam o canibalismo dos parentes mortos, andavam nus e pintavam o corpo.

Comiam alimentos crus, ou apenas assados.

Adoravam divindades simples e acreditavam num gigante de barbas vermelhas, Maret, que morava no céu.

Os mortos iam para um território rico de caça, a sapucaia.

Tribos principais:

Aimorés (Sul da Bahia)

Chavantes (Xingu)

Apinagés (MA)

Cherentes (Araguaia)

Botocudos (MG e E. Santo)

Coroados (Araguaia)

Bugres (S. Catarina)

Craós (Tocantins)

Caiapós (Araguaia)

Machacalis

Camés (Guarapuava)

Tremembés (S. Paulo)

Canelas (Guarapuava)

Timbiras (Maranhão)

d) Aruaques ou Maipurés

Povos que se irradiaram da Bolívia subandina, ou dos rios Negro-Orenoco.

O apogeu de sua cultura teria sido em Marajó. Conheciam agricultura rudimentar e eram grandes viajantes, que penetravam territórios ocupados por outras etnias, tendo chegado a atingir a Flórida, algumas Antilhas, o litoral do Pacífico (transpondo os Andes Bolivianos) a bacia do Orinoco, o baixo e o médio Amazonas. Os Llanos bolivianos, o Purus, o Xingu, o Rio Paraguai (até o Salado), o Beni, o Mamoré, o Madre de Deus e o Abunã.

Suas características etnológicas se confundem com os Caribes. O laço de união mais importante é a linguagem.

Tribos principais:

Arebatos	Barés
Atchaques	Chanés
Cabixis	Iamamadis
Guagueros (Venezuela e Guianas)	Terenos (MT)
Guanás	Ipurinas
Machinacus	Pupurupus (Amazonas)
Manaus (Amazonas)	Siussis
Parecis (Guaporé e Tapajós)	Ticunas (Amazonas)
Paumaris	Uaupés
Puris-coroados (Paraná)	Vapixanas

e) Grupos menos importantes — sem ligações comprovadas com os já mencionados; há diversos como:

- Carajás (Xingu e Araguaia)
- Cararis (Entre o S. Francisco e o Parnaíba) e com diversas tribos, entre as quais:

Canius	Jucás
Icós	Pimenteiras
Jaicós	Sucuriús

Charruas (RS e Uruguai)
Minuanos (Argentina)
Tucanos (Limites da Colômbia)
Betóias (idem)
Nhambiquaras (Guaporé)
Bororos (Mato Grosso)

f) Cultura do Grão Chaco

Tribos que praticavam agricultura primitiva de cavouco, estabelecidas em torno de território ocupado por outras tribos mais atrasadas, de caçadores. Tomavam contato a Leste com os guaranis da bacia do rio Paraguai e ao Norte com os Quichuas.

Moravam em cabanas simples de palha, ignoravam o uso de metais, mas tinham cerâmica, se bem que rudimentar.

Eram monógamos, com tolerância apenas para os caciques.

Tinham tecidos com características andinas. Acreditavam em deuses que se escondiam nas estrélas e se encarregavam das estações do ano e do amadurecimento dos frutos silvestres.

Tinham cultura amazônica e praticavam antropofagia ritual.

Suas tribos principais eram:

Cachalquis	Lenguas
Caudieus	Matacos
Chamacocos	Paiaguás
Guatós	Pebas
Guaicurus	Tobas

4. Grupos étnicos europeus

4.1 — Preliminares

Por ocasião dos descobrimentos, nos fins do século XV, a Europa Ocidental ainda não se tinha libertado inteiramente do feudalismo, mas mergulhava na intensa vida que caracterizou o Renascimento. O europeu ocidental era então um homem de sentimentos exaltados, que só respeitava a violência e a coação material.

Aventureiros sem escrúpulos, fidalgos ambiciosos, um clero ávido de domínio temporal e que não penetrava a verdadeira doutrina, criminosos e degredados, eis a massa dos contingentes brancos que apontaram à América do Sul no primeiro quartel do século XVI.

4.2 — Na América Espanhola

Ao Ocidente do meridiano de Tordesilhas, as expedições aportaram inicialmente nas Antilhas, donde logo passaram à América Central e daí à Venezuela e ao Peru; em seguida, prosseguindo pelos Andes e pelo litoral ocuparam a Bolívia e o Chile e estabeleceram ligações com as expedições que se introduziam pelos formadores do Prata.

Encontrando nos Andes povos organizados, os espanhóis logo os dominaram e se estabeleceram nas cidades já então existentes no Império Inca, interligadas por boas estradas.

No Prata, o clima temperado, os rios penetrantes navegáveis, a ausência da floresta atlântica e de outros obstáculos facilitaram também a entrada e a fixação dos brancos.

Durante todo o período colonial, as ligações com a Europa praticamente se restringiam à metrópole.

No fim do século XVIII, a expansão comercial inglesa atinge a América do Sul onde aportam navios e se fixam agentes e representantes, particularmente na Argentina e Chile.

Em menor escala agem, igualmente, os concorrentes franceses.

Após a independência, inicia-se, para não mais cessar, uma corrente imigratória, que alcançou os mais altos índices no fim do século XIX e até a 1^a Guerra Mundial.

São, principalmente, italianos, alemães, portuguêses e espanhóis, a que se juntaram alguns contingentes eslavos e orientados particularmente para a Venezuela, Argentina e Uruguai. Paraguai e Bolívia estiveram praticamente à margem deste surto. Na Argentina e Chile se fixaram também muitos anglo-saxões.

4.3 — No Brasil

a) Os portuguêses, a partir de 1530, iniciaram a ocupação do litoral, facilitados pelas ligações marítimas com a Europa no que foram acompanhados pela efêmera tentativa dos franceses no Norte e no Rio de Janeiro. Havia os seguintes fatores adversos quanto à penetração portuguêsa:

- Pobreza e pouca população da metrópole;
- Clima tropical;
- Escarpas do planalto perto da costa;
- Densa floresta litorânea;
- Ausência de conhecimento e de vias fáceis de penetração (os rios só foram utilizados a partir do século XVIII);
- Índios belicosos no interior.

Dificultando o estabelecimento de outros europeus, havia, além desses fatores, a presença vigilante da esquadra e das feitorias lusas, bem como a atuação ofensiva das tribos aliadas a estes e dos mesíacos brasileiros que, já no século XVII, se encontravam imbuídos de sentimentos nativistas.

O povo português foi o principal povoador branco do Brasil, é um produto de louros visigodos, alanos e suevos e de morenos celtas, fenícios, gregos e romanos.

Oliveira Viana diz que os primeiros povoadores eram dólidos louros e que somente nos séculos XVII e XVIII vieram os morenos de baixa estatura.

b) As explorações iniciais do interior não tinham por escopo a fixação de núcleos populacionais brancos, como no litoral, mas apenas

o conhecimento das terras e a confirmação das notícias da existência de minerais preciosos.

Entretanto, aquêle resultado foi logo obtido na região do São Francisco, devido à paulatina instalação de fazendas de criação de gado, que, pouco a pouco se interiorizavam, facilitadas pela topografia, pastagens, barreiras salgadas, via de acesso navegável, mercado certo e próximo (nos engenhos de açúcar) e rápida adaptação do índio ao pastoreio.

c) No século XVII, o litoral do Nordeste foi ocupado pelos holandeses, por 24 anos, tendo ficado fortes traços de sangue entre os habitantes da região, particularmente em Pernambuco.

A dominação espanhola também trouxe uma mescla racial apreciável, mormente para o Sul e para a Bahia.

Os brancos integrando as Bandeiras penetraram até Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, seja na preia de índios, seja na exploração das minas, onde se estabeleceram em caráter definitivo.

Outras expedições percorreram o interior, acudindo em socorro de colonos ameaçados pelos quilombos negros e pelos índios rebelados.

Sob pressão dos bandeirantes, aborígenes migraram para o Brasil Central e tribos inteiras desapareceram nas matanças e na escravidão.

Acentua-se aqui o papel do Rio S. Francisco como condensador e caldeador de raças e intensifica-se a mestiçagem em tôda a parte, ocorrendo o surgimento de tipos peculiares como os curibocas, cafuzos, mulatos, mamelucos, etc. Os currais de gado atingiam o rio Parnaíba e o Maranhão.

d) No século XVIII, o ciclo do açúcar entra em decadência, enquanto o do ouro atinge seu auge, trazendo para Minas Gerais o foco do povoamento da hinterlândia brasileira, atraiendo numerosos brancos e intensificando o bandeirismo para tôdas as direções, já agora utilizando os cursos d'água favoráveis. Segundo Alfredo Ellis, para os arraiais mineiros se transplantaram às dezenas, grandes e poderosas famílias piratiniganas, impelidas depois para Goiás e Mato Grosso, pelos Emboabas.

Coloniza-se, também, por segurança contra Castella, o litoral do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, com português e ilhéus da Madeira e Açores.

e) Nos séculos seguintes, são fatores de fixação e movimentação de populações brancas:

— O declínio e a extinção do ciclo do ouro;

— As guerras do Sul, contra espanhóis e depois contra caudilhos platinos;

— O surgimento do ciclo do café, no Rio de Janeiro e em São Paulo;

— A libertação dos escravos;

— O estímulo para a imigração branca, iniciado por D. Pedro II.

Assim é que o povoamento do país é acelerado por correntes migratórias:

— Alemães — aproximadamente 214.000, entre 1850/1871:

— Estado do Rio (Friburgo e Petrópolis)

— Santa Catarina (Vale da Cachoeira de Itajaí)

— Rio Grande do Sul (Centro e Oeste)

— Espírito Santo

— Minas Gerais (Juiz de Fora)

— Goiás (Capital)

— Poloneses e Ucranianos — aproximadamente 350.000 — 1872/1876:

— Paraná (Santa Catarina)

— Portugueses — aproximadamente 630.000 — 1820/1883:

— Para as capitais, particularmente Rio de Janeiro, São Paulo e Belém.

f) Recentemente prossegue a imigração de europeus, cujos maiores índices ocorreram até a 1^a Guerra Mundial.

São apresentados pelo IBGE os seguintes números que incluem também norte-americanos, amarelos e semitas:

<i>País</i>	1884/1903	1904/1963
Itália	1.000.000	360.000
Portugal	300.000	950.000
Espanha	200.000	450.000
Japão	—	200.000
Outros	200.000	1.280.000
 Total	 1.700.000	 3.240.000

Média anual — 1958/1963

Portugal	15.500
Espanha	5.500
Itália	3.000
U.S.A.	1.300
Alemanha	760
Grécia	480
Outros	3.460
 Soma de brancos	30.000
Amarelos	5.800
Arabes	1.200
 Total anual	37.000

g) Deslocamentos populacionais de brancos e mestiços ocorrem freqüentemente no Brasil.

Os mais importantes foram os motivados pelo ciclo da borracha, na Amazônia, em 1869/1912 e repetido durante a última Guerra, devido às carências d'este material para a indústria aliada; o causado pelo algodão e pelo surto industrial paulista, a partir de 1920; o da descoberta das terras roxas do Norte do Paraná e o da construção de Brasília.

Todos carreando nordestinos e os últimos, atingindo também mineiros.

5. Negros

5.1 — Na América Espanhola

As necessidades de mão-de-obra nas minas dos Andes não poderiam ser supridas por africanos, não adaptados à altitude e ao clima. Para isso havia o índio, em grande número, já afeito às condições do "habitat" e ao trabalho.

As grandes reduções jesuíticas das Missões obtiveram nos guaranis os homens necessários aos trabalhos da agricultura e pecuária que executaram.

Os países platinos desenvolveram, desde logo, lucrativa pecuária, à qual se adaptaram perfeitamente os índios dos pampas.

Assim, não houve condição para a entrada de numerosos africanos, como aconteceu no Brasil, exceção feita à Venezuela e às Guianas, cujo clima e atividades dos engenhos de açúcar, aliadas à presença de índios semelhantes aos do Brasil, tornaram imperativa a larga importação de negros.

5.2 — Negros no Brasil

a) A presença do negro no Brasil deve-se a dois principais fatores:

Necessidade de mão-de-obra;

Inadaptação do índio aos trabalhos pesados.

Desde logo, demonstraram êles ser exatamente o material humano que se necessitava para os rudes trabalhos na Colônia, pela imediata aclimação, resistência às doenças, capacidade de trabalho, docura de temperamento e conformidade com a situação de cativos.

Portugal já importava escravos da África antes da descoberta do Brasil. Assim é que, de 1450 a 1455, entravam em Lisboa 800 negros anualmente e em 1530, chegaram à Capital lusa 12.000.

Duarte Coelho os introduziu em sua Capitania, que foi a primeira a recebê-los, em 1538.

Os dados referentes à chegada dos negros são muito discutíveis e divergem largamente, pois além do comércio legal havia intenso contrabando.

b) No século XVI entraram no Brasil 30.000 escravos, sendo Pernambuco e Bahia os principais centros de recebimento.

No século seguinte, surgem também os mercados escravistas de Belém e de São Luís, devido à presença da Companhia do Grão-Pará, tendo entrado no Brasil 800.000 negros, dos quais 60.000 no território sob o domínio holandês.

No século XVIII aparece também o centro negreiro do Rio de Janeiro, por onde entrava a maior parte dos que se destinavam ao Estado do Rio, S. Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso.

Chegaram então ao Brasil:

Em Belém — 60.000;

Em Recife — 500.000;

Na Bahia — 800.000;

No Rio de Janeiro — 1.200.000.

Durante o ciclo de ouro, Minas se constituiu um grande centro de atração da mão-de-obra escrava e para lá se dirigiram as disponibilidades do Nordeste, de S. Paulo e da Bahia, além de mais 800.000 chegados da África.

Foi neste período que ocorreu a maior interiorização negra, levada pelas exigências dos trabalhos nas catas de ouro, inicialmente, e

depois, pela criação de fazendas no coração do País, possibilitadas pelo recalcamento dos índios.

No decorrer do século XIX, desembarcaram no Rio de Janeiro 600.000 e em todo o País, 1.500.000.

O ciclo do café acarretou o deslocamento de numerosos negros de Minas, do Nordeste e da Bahia para o vale do Rio Paraíba (1819/1860).

c) Segundo Spix e Martius, corroborados por João Ribeiro, os negros vindos para cá se originaram das seguintes regiões africanas:

Sudaneses: Jalofos, Mandingas, Fulos, Haussás, Achantis, Gegês, Iorubes, Nagôs, etc.

Bantos:

De Angolas: Angolas, Congos, ou Cabindas, Benguelas, Caçanjes, Bangalas, Dembos, etc.

De Moçambique: Macuas, Angicos, etc.

Os sudaneses de Guiné predominaram para os mercados de Salvador e eram culturalmente mais adiantados, graças ao contato com os árabes, nas suas terras nativas.

Os Bantos de Moçambique foram orientados, preferentemente, para o Rio de Janeiro, e os de Angola para S. Luís, Recife e Rio de Janeiro.

Algumas vezes eram os negros erradamente denominados segundo os portos de embarque na África, havendo então os Minas, os Galinhais, etc., que eram os nomes dos entrepostos lusos da costa da África.

d) Entraram no Brasil, no total, segundo os cálculos mais modestos, cerca de 7.000.000 de escravos (Pandiá Calógeras dá o número de 15.000.000).

Em 1930 o censo acusou a presença de apenas 4.400.000, ou seja 10% da população total da época. (Roquete Pinto)

Intensa mestiçagem tem clareado a pele dos descendentes dos antigos escravos, que entretanto ainda mantêm fortes característicos étnicos, particularmente nas regiões dos grandes entrepostos como em S. Luís, Bahia, Rio de Janeiro e onde eram maiores as atrações das jazidas de ouro, em Minas ou das fazendas de café, no vale do Paraíba.

As levas saídas do Nordeste, durante os ciclos econômicos seguintes ao da cana-de-açúcar, enfraqueceram a mescla racial negra nesta região.

6. Mestiçagem

Em todo o continente ocorreu intensa mestiçagem entre brancos e índios; no Brasil, além desta, ocorreram também, em forte escala, os cruzamentos entre brancos e pretos.

A época da independência a América do Sul contava com uma população de aproximadamente:

Brancos europeus — 30.000;
 Brancos americanos — 3.000.000;
 Mestiços — 6.000.000;
 Negros e índios — 6.000.000.

B — FATORES DEMOGRÁFICOS

1. Distribuição Demográfica na América do Sul

1.1 — Quadro Demográfico Geral

a) O quadro demográfico colonial sul-americano foi alterado, após a independência:

- Pelo crescimento da população mestiça;
- Pelo reforçamento de sangue branco proporcionado pelos incentivos e facilidades em quase todos os países, para imigração de europeus;
- Pela introdução de amarelos, particularmente no Peru (Chineses) e no Brasil (Japonêses);
- Pela imigração de libaneses e árabes, para todos os países;
- Pela chegada de numerosos indianos para as Guianas (Inglêsa);
- Pela lenta diminuição da percentagem de negros;
- Pelo aceleramento do processo de extinção dos índios no Brasil, Uruguai, Chile e Argentina;
- Pela manutenção dos índices percentuais da população índia nos países andinos.

b) Negros e Mulatos

Os negros e mulatos, mercê da alta natalidade e da persistência das suas características raciais, ainda mantêm altos índices de 50% na Guiana Inglêsa e 10% na Venezuela.

No Brasil, após a cessação do tráfico, em 1890, havia:

negros	2.100.000
brancos	6.300.000
pardos	5.900.000

o que dava em percentagem de 14,6% para os negros. O seu número diminuiu vagarosamente, na base de 34.000 por ano, até 1950, quando o censo apontou:

pretos	10,96 %
pardos	26,54 %
brancos	61,66 %
amarelos	0,63 %
diversos	0,21 %

Em 1965, calcula-se haver:

brancos	34,6 %
pretos	3,3 %
pardos	62,1 %

Não tendo podido superar o "handicap" da ignorância e do estado de pobreza deixado pela escravidão e que o conformismo da raça contribuiu para manter, ficaram estacionários nas mais baixas camadas sociais; sendo muito poucos os que se alçaram às elites, mas a cultura africana deixou traços marcantes na língua, no folclore, nos cultos e na cozinha dos países do Caribe e no Brasil, onde foram mais fortes as correntes de escravidão negra.

No Paraguai e nos países andinos, os mulatos e negros são em quantidade diminuta. Foram poucos os negros entrados no Uruguai e na Argentiná cujo clima não lhes era propício e cujas atividades predominantemente pecuárias encontraram nos índios a mão-de-obra necessária e suficiente. Também no Paraguai quase não existem, substituídos pelos guaranis, pacificados e adaptados à agricultura e outros labores sedentários, graças à dedicação dos Jesuítas.

Em todo o continente êles se mantêm nas proximidades dos grandes centros escravistas coloniais, onde os encontraram as leis emancipadas. Falhos de iniciativas e muito pobres, migram raramente. Assim, no nosso País, apesar de cobrirem todo o território e da intensa miscigenação, se encontram êles em melhor grau de pureza racial, em torno de Belém, S. Luís, Recôncavo Baiano, Vale do Paraíba e das velhas cidades de ouro, em Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso.

c) Índios

Os índios e seus descendentes puros e mestiços constituem forte percentagem que atinge a 60% no Chile, 66% na Venezuela e 90% no Equador, Peru, Bolívia e Paraguai.

Sua presença em grande número nos altiplanos andinos à época do descobrimento, sua rusticidade e adaptação aos rudes misteres

a que foram relegados pelos espanhóis, nas duras condições do seu *habitat* natural, explica a predominância demográfica atual acima apontada.

O caso do Paraguai resulta de fatores diferentes: numerosas tribos tangidas pelos bandeirantes e pelas guerras guaraníticas encontraram naquele território a proteção eficaz dos padres jesuítas, a que sucedeu a política segregacionista dos primeiros governantes paraguaios independentes.

Entretanto o seu número vem diminuindo em todos os países. As duras condições impostas pelas autoridades coloniais espanholas ainda perduram sob disfarces: a miséria em que vivem, a alta taxa de mortalidade infantil, o enfraquecimento geral dão raça prosseguem a obra da sua destruição, como no passado o fizeram as sangrentas repressões metropolitanas.

As guerras como a da Tríplice Aliança, as expedições punitivas como as levadas a efeito por Rosas na Argentina foram fatores que apenas agravaram a condenação imposta pelas condições trazidas pelos brancos, inclusive endemias e vícios que facilmente aviltam e destroem os povos primitivos. A coca, a apatia, a desambição, o alcoolismo, a exploração cruel que sofrem por parte dos mais civilizados, brancos e mestiços, os impele a essa diminuição progressiva que é surpreendentemente rápida na Argentina e no Brasil, onde os índios são dos mais atrasados e estão sendo recalados, profundamente; para onde a natureza é menos dadivosa.

Nos outros países, mormente nos da Cordilheira Andina, suas atuais condições os tornaram ainda as principais vítimas de explorações ideológicas, devido à marginalidade em que vivem. Constituem a mais baixa camada social, com poucas possibilidades de ascensão.

No Brasil eram muito numerosos ainda ao tempo do Império. O censo de 1950, entretanto, os calculou em apenas 1.050.000 (2% da população) que vivem às margens do rio Amazonas e seus afluentes, bem como dos formadores do Paraná e Paraguai, nos Estados de Mato Grosso, Goiás, Paraná, Santa Catarina, R. G. do Sul e Maranhão. A exceção dos existentes no âmago da bacia Amazônica, que conservam a pureza da raça e dos costumes primitivos, os demais se adaptaram à civilização e se apresentam com alto grau de mestiçagem.

d) Brancos

A presença dos brancos no período colonial se fazia sentir particularmente no ponto de atrito com o imperialismo português. Montevideu e Buenos Aires — e nos centros de governo metropolitano, onde se concentravam as tropas, o funcionalismo e o clero (em Quito, 1,5% da população pertencia ao clero).

Eram os senhores de tôdas as fontes de riquezas, terras de agricultura, matas, minas e indústrias.

Concentravam-se nas capitais e sómente a êles eram abertas as oportunidades, empregos bem remunerados e cargos de Chefia.

Os brancos puros ou ligeiramente mesclados vêm apresentando crescimento em todos os países, principalmente no Brasil, Argentina, Uruguai, Chile e até na Venezuela, onde não chegavam a 1,5%, ao fim do período colonial. Nos outros países apresentam as seguintes percentagens: Peru 8%, Bolívia 8% e Equador 5%.

No Chile a população é de 10% de brancos, 30% de "criollos" e 60% de mestiços. Continuam sendo os brancos os principais fornecedores de dirigentes em todos os setores políticos, industriais, agrários e funcionalismo, tentando manter, ainda, ranços aristocráticos, que vão sendo paulatinamente erradicados.

e) Mestiços

Os mestiços representam a camada social logo acima dos índios, a mais difícil de dominar no período colonial e a mais agitada nos dias atuais. Aspiram oportunidades e cargos para os quais raramente estão habilitados. Belicosos e inteligentes, participam da classe média, composta de pequenos proprietários, profissionais liberais, militares, clérigos e operários categorizados e também das atuais massas proletárias. Foram os soldados do Exército da independência, sob o comando dos "Criollos" que eram e ainda são a nata dessa classe média sul-americana, com penetrações profundas na alta sociedade.

A estratificação social não é a mesma em todos os países. Nas populações platinas, a preponderância das atividades pastoris, que nivelava os homens, os acostuma à independência e faz constantes apelos aos sentimentos de confraternização nos galpões das estâncias e aos rasgos de valentia, e, no Brasil, o índio, o negro e o mestiço pobre constituem uma única camada social.

Os mestiços são os que apresentam os melhores índices de crescimento demográfico e de progresso econômico-social, mas ainda permanecem, via de regra, nas baixas camadas sociais, como os peões platinos, os inquilinos chilenos e os jornaleiros, meeiros, etc., do Brasil.

Os que migram para as cidades constituem a mais grossa parcela das classes proletárias, mas, paulatinamente vão invadindo áreas econômicas que eram privilégio dos brancos puros.

Os mestiços originaram tipos característicos como os gaúchos dos pampas, os "llaneros" da Venezuela, os vaqueiros do Nordeste do Brasil, os barranqueiros do S. Francisco, os matutos de Minas Gerais, os colonos dos Estados sulinos, os malandros cariocas, etc.

2. *Distribuição demográfica*

2.1 — Em tõda a América do Sul, a população não se distribui uniformemente. Assim, no Brasil, mais da metade vive ao Sul do paralelo de 20°, em 17% da área do País. No Chile as três províncias centrais representando 6% da área total possuem 45% da população.

73% de argentinos habitam 25% do território pátrio. A bacia do Orenoco, ou seja, a maior parte da Venezuela, conta apenas com 7% da população.

Os grandes vazios que ainda permanecem são a Amazônia, o deserto de Atacama, as terras áridas da Patagônia, os gelos eternos e as elevações rochosas e abruptas dos Andes.

São resultantes de causas naturais como desertos, florestas, gelos, altitudes, rochas e declives do solo. Outras causas há, como a malária, as grandes distâncias agravadas pela falta de transporte para os centros urbanos; os latifúndios, que preponderam em alguns países, onde as terras ficam improdutivas por imposição dos proprietários, ou são dedicadas à exploração intensiva da pecuária. São assim os Llanos da Venezuela; as grandes estâncias argentinas, onde há propriedades que equivalem à Bélgica e à Suiça juntas, em poder de apenas 10 companhias; os latifúndios paraguaios de 100.000 hectares constituindo 43% do território do país.

Segundo Maurice Crouzet (*História Geral das Civilizações*), 50% das terras de agricultura da América do Sul estão abrangidas por domínios de mais de 6.000 hectares, que pertencem a 1,5% dos proprietários territoriais; menos de 1% da população possui 56% das terras aráveis da Venezuela, Peru, Equador e Bolívia; 10 pessoas são proprietárias de 84% do Distrito Federal Venezuelano.

2.2 — Por outro lado, as atrações urbanas predominam no continente.

Os antigos núcleos coloniais prosseguem sendo pólos de atração demográfica, juntamente com as cidades mais recentes.

Causas sociais, econômicas e geográficas ocasionam estas ilhas de densa população urbana.

Assim, a população urbana atinge a:

- 70% na Argentina
- 67% no Chile
- 60% na Venezuela

Não obstante os esforços oficiais e as facilidades concedidas por todos os países sul-americanos, após a independência, no sentido de atraírem imigrantes e os orientarem para o interior, no intuito de preencherem vazios demográficos, os resultados foram relativamente pequenos.

No século XX, particularmente a partir da 2ª década, foi a América do Sul o continente que, no mundo, assistiu ao maior crescimento de população, com médias superiores às da Índia, Egito e Canadá.

Mas a densidade ainda é fraca (1958):

7	no conjunto do Continente
8,38	no Brasil
8,4	no Chile
12	no Uruguai
2,8	na Bolívia

2.3 — Brasil

a) Crescimento demográfico

A partir do primeiro censo, tem evoluído como segue a população do Brasil: (1.000 habitantes):

1872	9.930	1930	33.570
1900	17.438	1940	41.236
1910	22.220	1950	51.944
1920	30.635	1960	70.967

A taxa média anual de incremento por 1.000 habitantes (TMAI/1.000) tem sido:

1941/1950..... 24

1951/1960..... 30

O que demonstra a evolução rápida do nosso crescimento nos últimos anos, em que se destaca como de maior taxa na década de 1951/60, a região Centro Oeste, com 54.

Comparando-se os números percentuais das populações das diversas regiões, obtém-se os seguintes dados, que ilustram claramente os movimentos migratórios internos mais importantes, entre 1872 e 1960:

— a região Norte apresentou ligeiro crescimento percentual, passando de 3,35% a 3,37%, mas tendo tido um "pico" de 4,70% correspondendo ao apogeu do ciclo da borracha.

— As regiões Nordeste e Leste caem vagarosa e constantemente de 31,04% para 22,09% a primeira e de 47,69% para 34,99% a segunda.

— A região Sul cresce vigorosamente de 15,70% para 35,01%.

— A região Centro-Oeste inicia com 2,22% e cresce vagarosamente até 1950, para daí em diante acelerar, atingindo, em 1960, a 4,24% e devendo estar em dóbro nos dias atuais, devido ao surgimento do poderoso pólo de atração representado por Brasília.

b) Densidade demográfica

A ocupação do território brasileiro, se bem que ainda precária, vem apresentando melhorias, tendo dobrado a densidade demográfica nos últimos vinte anos, como demonstra o quadro abaixo, onde figuram apenas os 16 Estados que apresentam índices superiores a 10:

	1940	/	1960
Guanabara	1.631		2.824
Rio de Janeiro	47		80
São Paulo	31		52
Alagoas	36		46
Pernambuco	29		42
Paraíba	27		36
Sergipe	27		35
Espírito Santo	18		30
Distrito Federal	—		24
Ceará	15		23
Santa Catarina	15		23
Paraná	9		22
Rio Grande do Norte	16		22
Rio Grande do Sul	13		20
Minas Gerais	12		17
Bahia	8		11
BRASIL	4,84		8,38

c) Distribuição Demográfica

Existem grandes desproporções na distribuição das populações do território nacional.

Assim, as regiões Leste e Sul reunidas, com 24% da área do país, passaram de 60,3%, em 1940, para 70,0%, em 1960, da população total; enquanto as regiões Centro-Oeste e Norte reunidas, com 64,33% da área nacional, tinham apenas 6,61% da população, em 1940, passando a 7,91%, em 1960.

Esta situação tende a se modificar desde que foram construídas as rodovias de penetração, que buscam os desertos demográficos do Oeste e do Norte, partindo do litoral e de Brasília.

d) Exodus rural

Cresce, de ano a ano, o número de cidadãos, em relação aos habitantes do campo, observando-se nos últimos vinte anos o seguinte

movimento que evidencia estarmos às vésperas do equilíbrio, a que se deverá seguir a predominância indesejada do vetor urbano sobre o rural.

	1940	1960
População Rural	28.000.000	38.000.000
População Urbana	13.000.000	32.000.000

De acordo com os dados do IBGE, a taxa média anual de incremento por 1.000 habitantes se manteve em 16 para a população rural, enquanto que a urbana passou de 39, em 1940, para 54, em 1960.

e) Imigração

A imigração se processa quase com exclusividade pelos portos de Santos e do Rio de Janeiro, sendo os brancos dirigidos para a região Sul, preferencialmente, enquanto os demais se disseminam:

Amarelos, para S. Paulo, Mato Grosso e Pará;
Libaneses e árabes, para todas as Capitais.

Chegaram ao Brasil:

Entre 1884 e 1903 — Brancos	1.700.000
Entre 1904 e 1963 — Brancos	3.000.000
— Amarelos	200.000

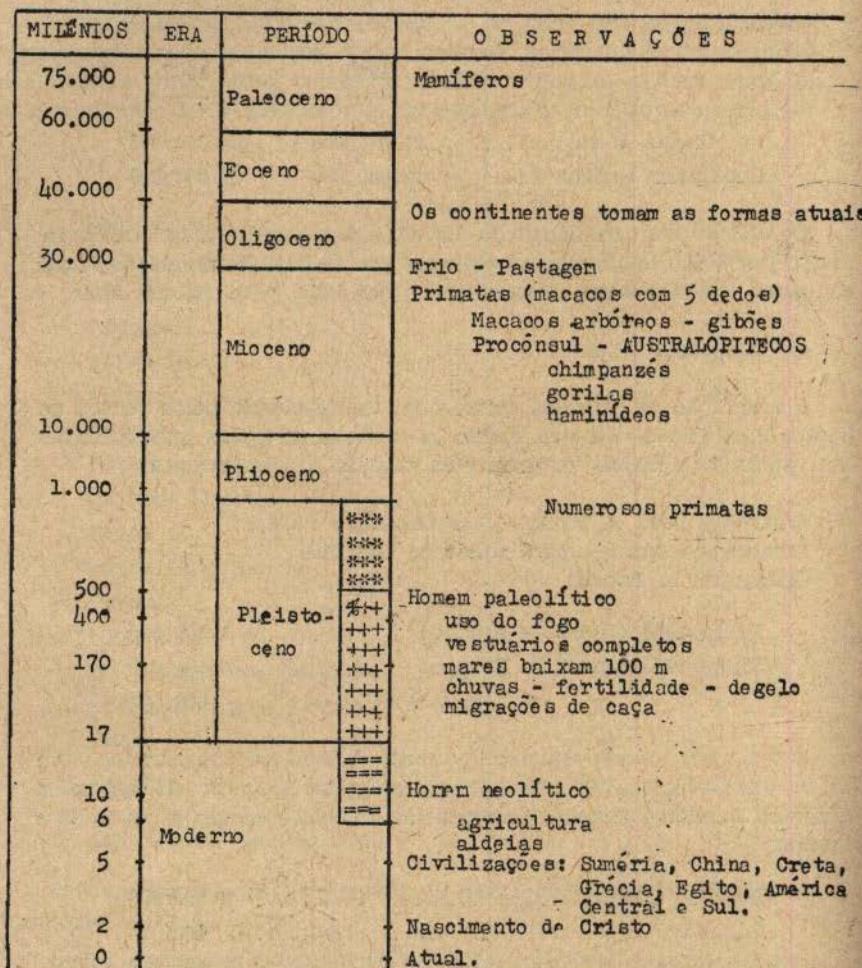
Estes números são entretanto muito baixos, se comparados com os de outros países de boa política imigratória, como os seguintes números máximos anuais ocorridos no início do século atual podem ilustrar:

Estados Unidos	1.000.000
Canadá	400.000
Argentina	300.000
Brasil	100.000

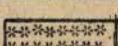
Nos últimos 10 anos, têm chegado no país as seguintes médias anuais de imigrantes:

Portuguêses	15.500	Alemães	700
Espanhóis	5.500	Libaneses	700
Japonêses	5.400	Gregos	600
Italianos	3.000	Norte-americanos	1.300

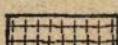
e outros em quantidade inferior.



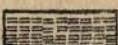
LEGENDA :



1^o, 2^o e 3^o eras glaciais



4^a era glacial



migracão para a América.

f) Reflexos econômicos

Em tõda a América do Sul importantes diversificações se protesam nas atividades econômicas de quase todos os países, particularmente do Brasil, que se industrializa mais rapidamente.

Entretanto, ainda preponderam, por larga margem, os produtos primários e permanece a baixa produtividade de mão-de-obra na lavoura.

O produto por habitante cresce ano a ano, mas não no ritmo que seria de desejar, pois cada vez mais se atrasa das médias mundiais.

Também cai constantemente a participação percentual do continente no mercado mundial.

Enquanto isso, a população aumentou com rapidez explosiva nos últimos anos, conforme os seguintes dados de crescimento demográfico percentual acentuam:

Europa Ocidental 0,8%; Estados Unidos 1,67%; China Continental 2,1% e América do Sul 2,9%, devendo atingir 300 milhões de almas em 1975 e 600 milhões no ano de 2000, cuja grande maioria se agrupará em torno das cidades, a continuar prevalecendo as atuais tendências.

A taxa média do crescimento econômico é de 1% no continente e de 2% no Brasil; Peru e Venezuela intensificaram consideravelmente os seus ritmos de crescimento econômico; Uruguai e Argentina tendem a recuperar os antigos níveis; Colômbia, Chile e Equador melhoraram lentamente e Bolívia e Paraguai permanecem estagnados.

BIBLIOGRAFIA

- BANDEIRISMO PAULISTA — Alfredo Ellis
ETNOLOGIA SUL AMERICANA — Wilhelm Schmidt
HISTÓRIA DA AMÉRICA — Vicente Tapajós
HISTÓRIA DAS AMÉRICAS — Roberto Levene
HISTÓRIA DA AMÉRICA — Gastão Ruch
HISTÓRIA DO BRASIL — Rocha Pombo
BANDEIRAS E SERTANISTAS BAIANOS — Urbino Viana
HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO — M. Crouzet